



# OS IMIGRANTES JUDEUS E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: A TERRITORIALIZAÇÃO DE UMA COMUNIDADE NA CIDADE SÃO PAULO

■ CARLOS ALBERTO PÓVOA<sup>1</sup>

**RESUMO:** AS POSSIBILIDADES TERRITORIAIS ADEQUAM-SE CADA VEZ MAIS AO “LUGAR” E O TORNANDO A PARTIR DESTE MOMENTO TESTEMUNHA DA ALTERNÂNCIA ENTRE OS CENÁRIOS DO PASSADO COM OS CENÁRIOS DO PRESENTE, POR MEIO DAS MATERIALIDADES HISTÓRICAS. ESTES ELEMENTOS FÍSICOS DEPÕEM ACERCA DE UMA NOVA REALIDADE CONSTITUÍDA PELOS IMIGRANTES, PORÉM DIMENSIONADA A PARTIR DA INSERÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA COMO PARTE INTEGRANTE DESTES NOVOS CENÁRIOS QUE REPRESENTAM O MOMENTO ATUAL DA SUA ACEITAÇÃO NO ESPAÇO.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESPAÇO, COMUNIDADE JUDAICA, MATERIALIDADE CULTURAL.

As transformações ocorridas desde a chegada dos primeiros imigrantes judeus ao Brasil, na segunda metade do século XIX e início do século XX, representaram mais do que um simples evento, mas a inserção de um povo, de uma cultura, religião, economia e organização social, em um dado momento da história geográfica do Brasil. A inclusão de um novo grupo e de novos valores em um espaço ainda desconhecidos, tem como base única a

sua modificação e adaptação referenciando-o às necessidades destes imigrantes.

Portanto as complexidades de se estruturar neste novo mundo, são sem dúvida um dos maiores enredamentos sobre os estudos imigratórios na Geografia Humana. Isso porque se trata de um grupo que é totalmente heterogêneo em sua composição, mas que ao mesmo tempo mostra-se similar na sua estrutura social e religiosa.

Esta analogia está na capacidade de se organizarem e de se expressarem no território conforme as suas necessidades e anseios. Deste mesmo modo, elabora-se uma visão que é muito mais ampla, mas que ao mesmo tempo está focada na sua dimensão como grupo garantindo-lhes a sua sobrevivência territorial, bem como identidade. Entretanto, o fortalecedor da comunidade judaica está na relação entre os seus membros, por meio da dimensão de “povo”, da sua fé, pela crença em um D’us<sup>2</sup> único, ou seja, pela Torá, pela religiosidade. (PÓVOA, 2010).

No entanto, o formato e o uso deste novo território constituíram-se a partir do momento em que as possibilidades apontaram para a maneira o qual que ele foi usado, seja como instrumento de trabalho, economia e ou pela produção cultural, religiosa e social, mas que ao mesmo tempo é analisado pelo aspecto da organização territorial com significado singular devido às particularidades que ele acumula ao longo de sua estruturalização – territorialidades.

Desta forma os imigrantes judeus verificaram as perspectivas na composição de seu “mundo” a partir da forma, da estrutura, do processo e da função que ordenaram por meio dos aparelhos e das técnicas a sua paisagem, que se constituíram por conta dos eventos e dos períodos que

exigiram uma melhor adaptabilidade ao meio e ao tempo.

Porém, esta paisagem não é composta para todo sempre, ela é objeto de mudanças constantes e que resulta das adições e subtrações sucessíveis que estão sujeitas as transformações pelo próprio tempo, podendo incluir movimentos mais ou menos rápidos dentro das práticas de uma determinada época que as levam a buscar os aprimoramentos de suas necessidades metodológicas, bem como das suas possibilidades tecnológicas a serem inseridas neste novo espaço.

Assim, as possibilidades territoriais adequam-se cada vez mais ao “lugar” e o tornando a partir deste momento testemunha da alternância entre os cenários do passado com os cenários do presente, por meio das materialidades históricas. Estes elementos físicos depõem acerca de uma nova realidade constituída pelos imigrantes, porém dimensionada a partir da inserção da comunidade judaica como parte integrante destes novos cenários que representam o momento atual da sua aceitação no espaço, (PÓVOA, 2010).

Deste modo, ficam visíveis as vivências cotidianas como significados e intervalos, aonde se experimentam intensamente a sua “geograficidade” e “Judaicidade”. Segundo (PÓVOA, 2010), isto caracteriza aos imigrantes

judeus uma relação muito particular com o espaço.

Para (HOLZER, 2013), este seria o espaço geométrico, pois ele corresponde pelo uso desta espacialidade por meio direto e também por meio da construção mental, de tal modo como a um modelo analítico, que se cria e o torna determinante na sua própria evolução física e mental do espaço – mundo.

Todavia, os sentimentos e as percepções de mundo vivido – o corpo do espaço, transforma-se em ações e materializações, associadas às intencionalidades da criação de outra perspectiva da paisagem que refleti o seu mundo real – o constituído por meio da sua realidade cultural, religiosa e técnica, determinando o momento temporal do seu mundo. Estas relações à geograficidade e também à Judaicidade são tidas como a essência que define uma relação – a relação do ser no mundo com ele mesmo.

Apesar disso, as ações práticas, representam os diferentes momentos de um engajamento da comunidade judaica no espaço e da sua inserção na “paisagem” que demonstra o resultado de uma acumulação de tempos e experiências, (PÓVOA, 2010).

Desta maneira, para cada lugar inserido e alterado pelos imigrantes judeus, acontece os ajustes que corresponderiam e se definiriam por meio das suas intencionalidades,

organizações, finalidades e, que possibilitaram ao espaço caracterização de mundo, dado a sua forma de identidade - territorialidade e de identificação – judaicidade, inserindo a presença judaica na construção do lugar, (PÓVOA, 2010). O sentido entre mundo e lugar, implica no sentido de vida para a comunidade judaica que por sua vez insinua no significado de organização social, comercial e religiosa.

Observa-se que o mundo social organizado pelos imigrantes judeus, é definido metodologicamente como um organismo da sua própria ocupação, seja por conceitos gerais, seja por análise em que o próprio mundo tenha se modificado durante o acompanhando das alterações da comunidade ao longo das imigrações e dos anos, ou seja, pela própria característica que os judeus possuem ao edificarem seu lugar de maneira mais fechada e também pelas reproduções físicas encontradas (PÓVOA, 2010).

A Territorialização de suas formas físicas representa a sua maturação como identidade, pois o que mudará de acordo com o tempo e que do mesmo modo mudará de acordo com o quadro econômico e social, e assim propiciará direcionamentos para novos espaços. Isso revela que a busca por novos ambientes não é só comum à sociedade geral, mas também aos grupos de imigrantes.

O arquétipo desta ocupação territorial é marcado por determinadas especialidades e aspectos que revelam distinções e analogias da comunidade judaica. Tais particularidades são marcantes devido aos fortes traços religiosos, culturais, étnicos e linguísticos. Todavia, pode-se juntar a esta discussão alguma coisa que confirme esta singularidade no estilo de construir o lugar, haja vista que a imigração judaica não é e não se deu como as demais comunidades de imigrantes para o Brasil e que também não se enquadram nas mesmas proporcionalidades e características de imigração.

Contudo, o imigrante judeu se diferencia em outra questão, pois não possui a mesma herança imigratória dos demais grupos, isto porque os judeus não são oriundos de um mesmo lugar, de uma mesma nação, são todos de origens diferentes, de pátrias distantes, lugares distintos, de culturas nacionais próprias, onde se expõe as diferentes etnias, línguas e nacionalidades, ou seja, são identidades singulares no que diz respeito às origens como povo e, como povo em comum, procura agrupar-se de maneira individual.

Porém, a comunidade judaica possui outro contexto que a torna ainda mais subjetiva, que é o fato de possuírem uma mesma identidade religiosa, uma vez que há uma ligação

única entre os judeus quando se trata de indagar a sua unicidade, pois possuem a mesma fé, um mesmo D'us e uma mesma crença, independentemente da sua origem nacional. Com isso a composição do lugar judaico se dá de maneira homogenia e harmônica, possuindo uma mesma configuração e de vida comunitária.

Esta construção nada mais é que o resultado de um trabalho que permitiu um contínuo movimento da organização imigratória judaica e de sua assimilação ao longo dos anos, e isso se fez perceber, por meio da dinâmica gerada pela comunidade ao integra-se e altera-se mutuamente no espaço dando-lhe uma sobrevida para a sequência de sua existência por distintas gerações – “*Ledor vador*”, de geração em geração, (PÒVOA, 2010).

Todavia, a comunidade judaica tem contribuído vivamente com a organização do espaço urbano em diversas cidades pelo mundo, seja por introduções de novas técnicas, que conduzem as novas configurações de trabalho e do capital, seja pelo movimento mais ativo dos valores e de pessoas.

O agrupamento da comunidade em um só lugar (em sua maioria) se tornou praticamente uma regra. As mudanças de lugar ocorreram somente de acordo com as suas necessidades, sejam elas econômicas e ou financeiras,

pois desenvolveram as mudanças consequentemente buscando um aperfeiçoando das redes de negócios e do bem-estar social. Desse modo, a comunidade procura organizar os lugares para os quais ela também se afeiçoou, tanto para habitar quanto para trabalhar, (PÓVOA, 2010).

Contudo o espaço geográfico continua se transformar num todo, inclusive a matéria inerte em elementos de cultura judaica. E é esta cultura a forma de comunicação do grupo ou do indivíduo com o universo exterior, assim como na construção de uma herança entre as relações da comunidade com a sociedade geral, mas igualmente um reaprendizado entre as afinidades e entre os diferentes costumes e o seu meio com o espaço que se inseriram. Essa inclusão amplia o uso do território, de maneira a criar uma observação com tons mais ampliados da paisagem.

Esta organização territorial proposta pelos imigrantes judeus revolucionou as atividades comerciais, assim como a forma produtiva e o fluxo, a circulação do lugar que passou a exigir uma melhor distribuição das técnicas e da criação de novos aparatos para que fosse possível o aproveitamento de suas potencialidades. Pode-se considerar que esses foram os primeiros passos para a valorização do território por onde os judeus passaram e chegaram,

seja por vias de uma renovação dos fixos e dos fluxos, seja pela estrutura da paisagem.

Com toda abrangência territorial, a comunidade estabilizou-se e legitimou-se geograficamente com o uso do território (comercial), mas que também ao observar a sua organização como grupo, pode-se convalida-la por meio de sua religiosidade. É esta inserção que relativa o território judaico, através da sua identidade religiosa e desta forma autentica sua territorialidade por meio da relação religiosa e não por questões meramente étnicas e nacionais (PÓVOA, 2010).

A estabilidade confirma uma coletividade “religiosa”; e isso que dá uma conotação e consideração para a razão da sua existência no território, apoiada no também econômico. Assim, o lugar não poderá ser mais considerado como espaço neutro e ou híbrido.

Para Milton Santos (2002), o espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutra, mas uma combinação de formas espaciais correspondentes e constituídas de atributos produtivos de si mesmos, na sua virtualidade e limitação. A função da forma espacial e da conquista depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total – da totalidade – das funções que uma formação social é chamada a realizar.

Essa (re)localização e redistribuição devem tanto às heranças, notadamente, no espaço já organizado, como na representação da ação e no modo de produção do mesmo, ou seja, de reproduzir os seus momentos para uma futura ação e movimento, como a Territorialização, pois os objetos nascem com uma aptidão mercantilista, ou não, mas diferenciando-se dos períodos anteriores e readaptando-se ao novo espaço.

Porém, soma-se a esta “espacialidade judaica”, novas produções materiais que são complementaridades locais como a “geografização” dos lugares, que se desenha com base na nova divisão territorial colocada pelas imigrações e pelo uso cotidiano do território.

É compreensível que os judeus atribuíram novos conjuntos de objetos ao espaço em que se inseriram e exponham os seus ajustes espaciais e a assimilação. Os conjuntos atribuídos por eles são o desenvolvimento de novos objetos sobre as novas ações que tendem a ser mais produtivas, e que, agora, fazem parte da realidade na produção espacial dos imigrantes judeus que se puseram no arranjo das forças sociais, quando essa mesma força não é deliberadamente produzida para o seu exercício, mas é deliberada pela ação da nova intencionalidade, (PÓVOA, 2010).

O ambiente criado possui essa característica, de agir conforme o seu interesse, ou seja, de agregar os espaços e transformá-los em territórios especulativos.

As novas ações não se dão apenas sobre velhos objetos (fixos), mas atuam com eficácia sobre o espaço, gerando o aumento dos fluxos e no seu entorno, ao redor do território, onde a comunidade se encontra e vive, e com isso há um acréscimo das atividades produzidas e desenvolvidas pelos judeus e por não judeus sobre esse espaço transformado.

A rápida variação do meio em que vivem do local representa, de fato, uma relação entre o homem e o espaço, espaço e natureza e espaço e tempo, ou seja, foram mediadas pelos componentes implantados e conduzidos para o benefício de um grupo social que tinha como objetivo a construção da sua memória e identidade.

Sabe-se que estes componentes não funcionam sozinhos, assim, o organismo é reativado a cada tempo pelos distantes grupos de judeus que imigraram para outros espaços, criando seu mundo - lugar.

A fluidez econômica não é apenas uma categoria técnica, mas uma entidade sociotécnica, onde as consequências atuais da preocupação da comunidade judaica em atualizar as suas produções com o seu tempo por meio das novas inovações técnicas dão

ao território uma reordenação do espaço no qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais o imigrante enquanto pertencente a uma cultura pode ser considerado como um instrumento de poder e de um valor.

De acordo com Milton Santos (2002), há uma redescoberta da dimensão do território e do lugar. As organizações do território e das condições em que se organizam são fundamentais; daí a necessidade de adoção, de um lado, de objetos susceptíveis de participar dessa ordem social e territorial e, de outro lado, de regras, as normas de ação instrumental.

Nada obstante, os objetos não relacionados constituem uma realidade desprovida de existência enquanto a vida social é configurada em decorrência de princípios explícitos, normas criadas intencionalmente e, desta forma, pode-se entender que se iniciou outra perspectiva sobre a sua Territorialização por meio das suas territorialidades, (PÓVOA, 2010).

Com este aspecto e situação territorial iniciado, a comunidade judaica deixa de ser imigrante e passa a compor a população local, mas ainda como uma comunidade de judeus, por conseguinte transpassando por gerações, e ocasionando transformações no uso do território, onde se ficou bem marcado uma temporalidade testemunha de algumas técnicas - como uma velha ordem urbana.

Contudo, para os que chegaram após a primeira leva e também das primeiras transformações técnicas, especulava-se que outra realidade estaria por vir, e que se inseririam ao mesmo tempo outras concepções judaicas sobre o espaço urbano, já que as levas eram de nacionalidades diferentes e daí colocar-se-ia uma diferente inserção no que se refere a espacialidade, mas com novas situações que geraria reflexões sobre esteves atores sociais (PÓVOA, 2010).

Assim sendo, o espaço urbano se caracterizou como um espaço sistemático para a organização social e comunitária para as diversas levas de migrantes e também de refugiados. No entanto as particularidades dos espaços urbanos são apresentadas de maneira ordenada, mas a sua ocupação geográfica se dá de forma aleatória, pois está ligada ao contexto histórico e, ao fato de muitos imigrantes iniciarem as suas vidas em um já determinado e conhecido espaço urbano de imigrantes.

Desse modo, as técnicas anteriormente instaladas obrigam os objetos a uma readaptação e transformação, as vidas cotidianas instaladas pelos imigrantes recém-chegados na cidade colocam outro olhar sobre todas as existências dentro desse espaço (PÓVOA, 2010).

No entanto, o tempo indica que o uso do território pelos imigrantes judeus, nos reporta a ideia não apenas

política de sua ocupação, as rupturas e alterações com as antigas estruturas dos primeiros moradores e mesmo de outros povos imigrantes que antecederam a sua chegada, reelabora o espaço recriando uma apontada área, aos novos fixos judaicos, como a adoção dos nomes para os logradouros, praças, comércios, sinagogas e mesmo edifícios.

### **A organização da comunidade judaica no espaço urbano da cidade de São Paulo \_\_\_\_\_**

Com a ampliação das atividades econômicas e dos negócios pelos imigrantes judeus, reformulou-se de maneira paulatina o aparelhamento comercial, social e religiosa na cidade de São Paulo, que vinha de um processo acelerado de desenvolvimento industrial no início do Século XX.

No entanto, a necessidade de se buscar novos lugares, além do Bom Retiro – área da chegada dos imigrantes judeus - levou a comunidade a imigrar dentro da própria esfera “do urbano”, numa mobilidade que acompanhasse esse passo de desenvolvimento da cidade de São Paulo, efetuando-se, assim, uma transformação pausada e disposta para aos desafios para uma nova vida comercial e social e posteriormente religiosa, ou seja, expandindo-se para outros “lugares ainda não marcados

com materialidades judaicas”, (PÓVOA, 2010).

Todavia, para (PÓVOA, 2010), “estes não lugares judaicos”, são considerados os lugares que ainda não foram estigmatizados pela presença e concentração judaica, seja pela presença do comércio, pelas sinagogas, ou mesmo que fosse apenas residencial, mas com uma concentração de judeus que fosse percebida na paisagem do bairro.

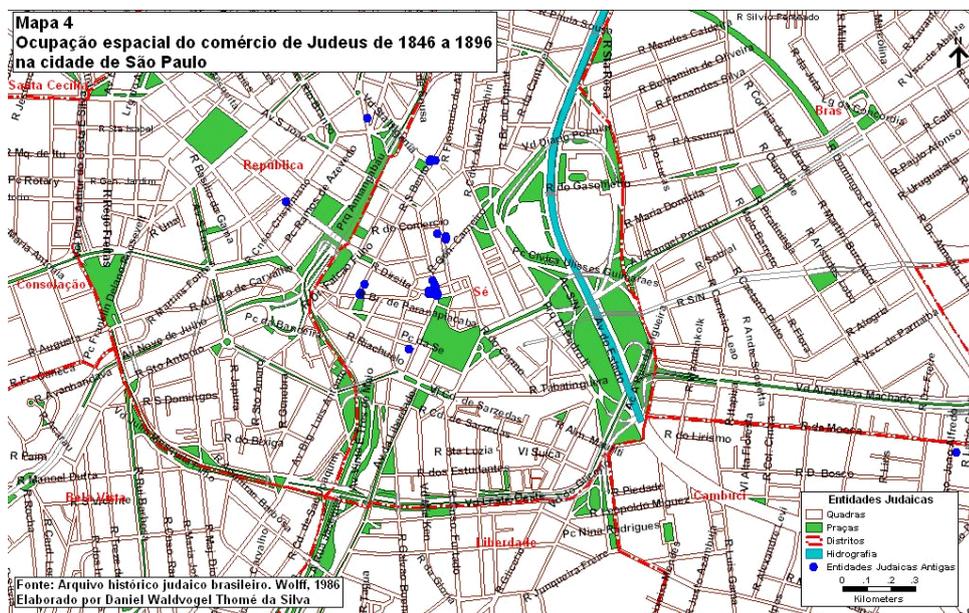
Porém, nem todos fizeram esta mobilidade, de sair do lugar da chegada, do “seu lugar judaico” - Bom Retiro e se dirigirem para outras localidades da cidade de São Paulo, pois se sabe que cada família tinha suas expectativas particulares, bem como suas condições, limitações e possibilidades econômicas, e isso faz com que a segunda geração destes imigrantes judeus já não se concentre em sua maioria na área de recepção de seus avós, no bairro da chegada.

Entretanto no mapa abaixo, marcado como “Mapa 4”, reservado do livro de PÓVOA, C.A, *A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo*, São Paulo, Editora Humanitas/ FAPESP. 2010. Pode-se observar que no final do Século XIX, já acontecia às primeiras orientações dos imigrantes judeus no que tange a sua localização e organização territorial. Todos se encontravam na Zona Central e Zona Norte da cidade de São Paulo,

pois nestes locais havia um maior fluxo de pessoas e de comércio, assim como as materialidades comerciais eram mais

bem equipadas e também mais valorizadas.

Figura 1- Centro de São Paulo entre 1846 a 1896, Territorialização dos primeiros judeus na cidade de São Paulo.



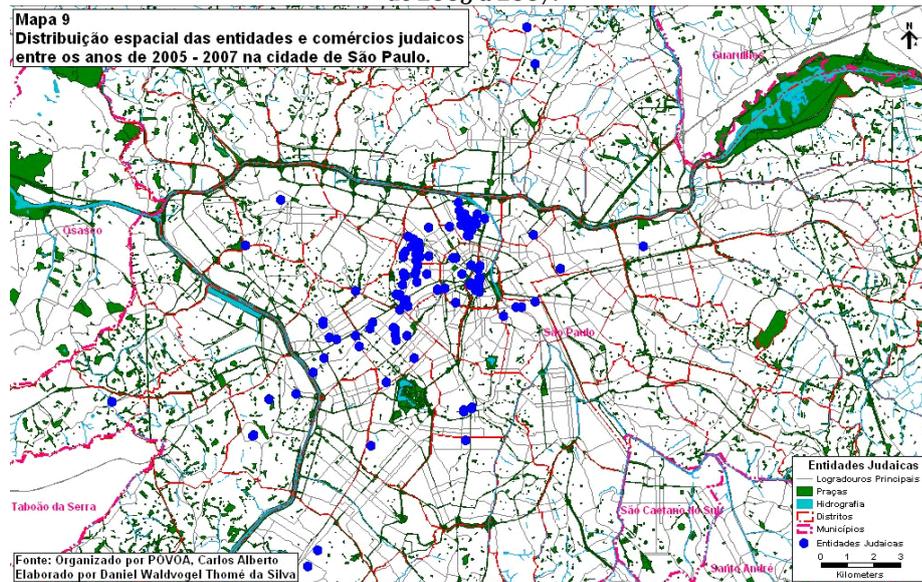
Fonte: PÓVOA, C.A, 2010.

Contudo a mobilidade foi não só econômica, mas social e religiosa efetuando uma reconfiguração na distribuição da comunidade judaica na cidade de São Paulo. Conforme o “Mapa 9” abaixo, extraído de PÓVOA, C.A (2010), pode-se observar esta nova etapa que reconfigura o uso do território urbano, reproduzindo um novo desenho na disposição dos judeus na cidade de São Paulo.

No entanto o princípio desta desterritorialização entendeu como a

saída de um bairro mais antigo e central, e que por vezes encontrava-se estagnado pelas suas próprias limitações técnicas, para um bairro melhor equipado, novo, valorizado e onde houvesse uma amplitude comercial, além das novas oportunidades econômicas, sociais, culturais e mesmo religiosas com o ingresso dos novos aparelhamentos e materialidades – sinagogas, em prédios mais modernos e seguros.

Figura 2- Ocupação territorial dos judeus na cidade de São Paulo, entre os anos de 2005 a 2007.



Fonte: PÓVOA. C.A, 2010

Os espaços urbanos anteriormente ocupados na chegada dos imigrantes judeus, no caso o bairro do Bom Retiro mostrava as formas de como sua organização já se encontrava invalidada para a expansão e o desenvolvimento econômico para uma atividade comercial mais investida.

Porém, houve a necessidade de refazer as importâncias herdadas dos antigos moradores imigrantes e os obrigando criar uma revisão destas categorias como a modificação das técnicas para seu aparelhamento econômico e social, a comunidade judaica abre de certa este espaço para outros grupos que pudessem ocupa-lo forma para as novas imigrações, que substituíram as antigas populações judaicas – a inserção dos coreanos no Bom Retiro, (PÓVOA, 2010).

Pode-se considerar que essa reprodução urbana sobre o espaço é resultado de uma ação da própria comunidade judaica “agindo” sobre ela mesma, com referência e suporte dos objetos que criaram anteriormente, seja pelo seu uso das técnicas que levaram consigo para uma perspectiva mais concreta desta nova Territorialização.

Para cada tipo de paisagem observada, se construía uma nova vivência ao meio, a paisagem seria uma mera reprodução desses níveis diferenciados de forças produtivas, materiais e ou imateriais no espaço. Para (PÓVOA, 2010), a noção de espaço urbano – da cidade de São Paulo ainda era uma incógnita pela comunidade e perdia a conotação negativa justamente por este desconhecimento e acabava por ganhar um acento positivo no seu papel na produção da nova história

para estes judeus na cidade de São Paulo.

Figura 3- Sinagoga Kehilat Israel, Bom Retiro – São Paulo



Fonte: PÓVOA, C.A. (2010)

A materialidade judaica e a concepção do novo lugar os obrigaram a um aprendizado constante e também a uma formulação da sua realidade. A memória olha para o passado, para o Bom Retiro, e não mais para o país de procedência, mesmo porque as gerações vão avançando e as perspectivas são outras. A nova consciência olha o futuro, para os descendentes. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o palco dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente, ao mesmo tempo, concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (PÓVOA, 2010).

Esta inquietação levou os judeus a desenvolverem no novo espaço simbolismos como maneiras para o resgate da memória comunitária, assim sendo reviveriam a sua temporalidade de imigrante pretérita em um espaço com objetos e técnicas do presente.

Para Santos (2002), quando o homem se defronta com um espaço que ele não ajudou a instituir e nomear, cuja história ele desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação social, cultural e religiosa, até o próprio homem organizar o seu espaço e familiarizar-se com ele.

Esse novo lugar atuou como uma espécie de detonador, a sua relação

com as novas configurações da paisagem urbana e que se faz seguir em direção para outros endereços, como a saída do Bom Retiro para o bairro de Santa Cecília que recebeu e revelou uma afinidade aos anseios da comunidade Judaica. A disposição e o uso do território pelos judeus eram incipientes, pois havia uma carência na materialidade e nas técnicas, desse modo estar ali significou a expansão de um avanço e uma conquista.

A intenção de melhorar a vida fez com que o imigrante judeu e seus descendentes se tornassem decorrentes do seu passado, saindo da memória como “imigrante” e atuando como “participante” de um presente, mas com perspectivas no futuro. Isso se tornou objetivo de muitos, porém poucos alcançaram (PÓVOA, 2010).

Sabe-se que o espaço inclui uma conexão “materialista” de uma cultura com a outra, de um homem com outro, e se manifesta dialeticamente como forma e objeto na Territorialização e territorialidade (PÓVOA, 2010).

Com a modificação da natureza e das relações entre o uso do território e os judeus, houve, igualmente, uma nova proposta na materialização da comunidade para o bairro de Santa Cecília – Higienópolis. As aspirações e as intencionalidades deram lugar a uma significativa organização, haja vista que o próprio bairro possuía aspectos bem

diferentes daqueles do Bom Retiro (PÓVOA, 2010).

A cidade apresentava indícios de expansão e a valorização dos imóveis acompanhou o desenvolvimento social de alguns judeus, o que para alguns, era inevitável o deslocamento para outros bairros e região da cidade de São Paulo, já que alguns judeus mais religiosos, o Bom Retiro continuava a ser uma das principais fontes de renda da maioria da comunidade,

A inserção do grupo judaico nesse conjunto de formas seria um dos mais difíceis problemas epistemológicos de se apreender, pois o estudo desses processos prende-se, ao mesmo tempo, à sua história (tempo) de imigrante e ou refugiado, com a realidade presente e como cidadão brasileiro. Mas não se pode compreender, exatamente, o valor real-concreto dos objetos de cada momento da história, pois os fixos foram erguidos e tiveram os seus papéis desempenhados, e a “sociedade judaica” passou por eles. Basta fazer uma observação na história da vida dos judeus.

Segundo Póvoa (2010), a compreensão espacial virou uma obrigação e fazia-se uma necessidade para concretizar a sua Territorialização no bairro de Santa Cecília, ou seja, a constituição de símbolos judaicos agora era parte integrante dos judeus que se encontravam afastada geograficamente

do Bom Retiro e da materialidade religiosa.

A distância entre as “duas comunidades” – uma do Bom Retiro e a outra de Santa Cecília – desencadeou um processo de acolhimento e consolidação do espaço não apenas concretizando, mas gerando técnicas para o seu tempo.

Os judeus se misturavam aos contornos do bairro de Santa Cecília, que teve seu início no século XX, mas apenas na quinta década do século XX a Territorialização acontecia (não que não gerasse uma desterritorialização do Bom Retiro), mas uma reinstalação “da materialidade e dos valores” judaica no bairro de Santa Cecília/Higienópolis. Este evento deu início à presença de um comércio mais sofisticado. Isso incrementou ainda mais a dinâmica e a sua valorização e o interesse dos diferentes grupos sociais da sociedade paulistana.

Essa “reorganização espacial” seria ao mesmo tempo uma organização diferenciada do espaço no bairro de

Santa Cecília/Higienópolis, que definiria um “contorno” técnico mais elaborado, pois apresentava um traçado urbano mais moderno com residências mais “complexificadas”. O território passou a se diferenciar do Bom Retiro, não havia um comércio popular, nem atacadista e muito menos o alto fluxo da Estação da Luz.

As primeiras gerações que chegaram ao bairro geraram a sua segunda geração que não trilhou os caminhos dos seus antepassados. Os filhos seguiram carreiras mais promissoras, sendo profissionais liberais, empresários, funcionários públicos ou exercendo outras ocupações de destaque na sociedade. Essa ação só veio a confirmar-se quando esses grupos migraram para outras áreas da cidade e iniciaram uma outra busca territorial, ou seja, não faziam exatamente como os seus avós, pois procuravam outras maneiras de se instalarem, já que o comércio se tornou algo do passado e a vida profissional uma realidade.

Figura 4- Sinagoga Tiferet – Lubavitch, Sta. Cecília – Higienópolis, São Paulo – SP



Fonte: PÔVOA, C.A. 2010

Com o aparelhamento urbano e a verticalização das residências, a inclusão das técnicas e das ações somou-se às melhorias sociais e econômicas. A riqueza da cidade, que se fez no café, ampliava-se para o parque industrial e comercial. Contudo essa ascensão socioeconômica só foi possível graças à qualificação profissional, não só da sociedade, mas também em parte da comunidade judaica, que abandonou o estigma de comerciantes e mascates (KUCINSKI, 2002).

Sabe-se que a sociedade não se difunde de maneira uniforme num mesmo espaço. Esta distribuição não é obra do acaso, mas, sim, resultado de um processo de seletividade histórica e

geográfica, que é sinônimo da necessidade. Essa necessidade, segundo Santos (2004), decorre de determinações sociais, que são fruto da possibilidade da sociedade em um dado momento do tempo e do espaço, mas também são determinadas pelas formas preexistentes, portadoras de uma funcionalidade precisa. A sociedade produz a sua paisagem, e isso só pode acontecer mediante uma intervenção cultural, religiosa, social, econômica e/ou política. É por isso que, ao lado dos contornos geográficas e das estruturas sociais, devemos também considerá-la como metodologia que, por meio das funções, levam a energia social a transmutar-se em formas.

As relações da comunidade judaica e de suas estruturas estão mantidas entre os indivíduos da própria comunidade, ou seja, os seus objetivos reproduzem suas vidas no espaço, na história e também no seu tempo, bem como a entrada de produção e reprodução do território. Todavia o próprio processo de produção e o controle do tempo e do espaço são as respostas aos apelos dos trabalhos sociais que a comunidade judaica desenvolveu ao territorializar-se em um determinado tempo da história que não foi estabelecido pelos judeus, mas pela casualidade, como circunstâncias dos fatos históricos.

As rugosidades apresentadas no espaço redirecionaram tanto os processos sociais e econômicos da comunidade como os referenciais inseridos na vida cotidiana do judeu, que perpassaram as identidades da sociedade geral da cidade, porém reforçados por meio da fundamentação e articulação de territórios usados. Essa ideia nos dá a capacidade de entender, fundamentalmente, a disciplinaridade da organização da comunidade em relação ao espaço urbano, mesmo que sejam espaços simbólicos eles manifestam seus múltiplos valores simbólicos perante a associação de outros papéis de natureza mais concreta. Desse modo, os grandes monumentos e construções realizados desde a chegada e inserção no Bom

Retiro até o presente assumem um valor histórico para o espaço, que traduz a memória coletiva judaica para a memória urbana. O arquétipo dessa fixação “historificou” como marco de modernidade da comunidade e assistiu ao avanço do espaço metropolitano.

De acordo com Santos (2004), o espaço responde imediatamente por meio de uma mudança, ou seja, ele reproduz o todo, assim apresenta a fase de transição, e as estruturas vindas do passado, ainda que parcialmente renovadas, tenderão a continuar reproduzindo o todo real como era na fase precedente. Contudo cada estrutura conhece o seu próprio ritmo de mudança, bem como a estrutura espacial e a sua instância social. De maneira mais lenta ou não, há uma metamorfose e adaptação ao novo, por isso ela poderá continuar, por mais tempo, a reproduzir “o todo anterior”, mesmo que seja de forma mais moderna.

A população que migrava pela área urbana de São Paulo, agora, não era mais imigrante e nem considerada “desterritorializada”, pois as gerações aqui nascidas possuíam referências espaciais que compunham uma identidade socioeconômica (PÓVOA, 2010).

A mudança de alguns membros da comunidade judaica de mascates para comerciantes, profissionais liberais bem sucedidos possibilitou o

seu “avanço social e espacial” e a concentração de investimentos públicos e a conseqüente valorização do solo urbano conduziu a um desenvolvimento da materialidade e da dinâmica do espaço (KUCINSKI, 2002).

Estas novas áreas urbanas apresentavam-se um pouco mais diferenciados em relação a primeira ocupação, haja vista que o seu processo de concepção estava evidenciado na verticalização das residências e das intencionalidades.

A evolução e a comunicação viária entre os bairros facilitavam a mobilidade dos setores sociais e da economia, assim como a consolidação da estrutura do território urbano. Esses

deslocamentos representavam uma nova dinâmica territorial para a cidade.

Considera-se que esse tenha sido verdadeiramente um marco na mobilidade judaica, bem como da sociedade paulistana em geral, pois, quando se atravessava e mudava-se para o outro bairro da cidade, era uma conquista, por não se estar mais do lado do centro velho.

Nesse mesmo período, em que a maioria dos judeus se encontrava fora do Bom Retiro e iniciava a sua Territorialização em outros bairros da capital paulista, chegava ao “Bonra<sup>3</sup>” outro “componente” imigratório: os coreanos provindos da Coréia do Sul.

Figura 5 – Igreja Presbiteriana – Coreana – Bom Retiro – SP



Fonte: PÓVOA, 2010.

Concretizava-se, nesse momento, a confirmação de que o espaço judaico estava sendo ocupado por outra cultura e, que se iniciava uma

(re)territorialização e que coincidentemente, a sua ocupação econômica era semelhante à do passado dos primeiros imigrantes judeus no

bairro, porém com alterações técnicas, temporais e históricas diferentes, mas não geográficas, (PÓVOA, 2010). Com o tempo, a comunidade coreana aproximou-se dos judeus remanescentes no bairro, que alugaram seus imóveis para os imigrantes morarem e desenvolverem as suas atividades econômicas.

Para Santos (2002), a mobilidade tornou-se uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso e é mais criador que a produção. Não só os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes, mas também os produtos, as mercadorias, as imagens e as ideias.

Pode-se observar que a paisagem do bairro organizou-se segundo o grau de exigência de cada uma das comunidades, sobre o espaço e a seu tempo e modo, variando em função dos processos próprios a cada produção e no nível de cada capital, tecnologia e organização. Houve modificações técnicas, dos italianos para os judeus e dos judeus para os coreanos. O tempo, a cidade e a tecnologia são outros.

De acordo com Santos (2002), uma paisagem não se cria de uma vez só, mas por acréscimos, substituições e

inclusões, ou seja, a paisagem é uma escrita sobre a outra; é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos, daí a anarquia das cidades, mas o que se chama de desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado.

De acordo com Póvoa (2010), a “reafirmação” territorial da “nova” comunidade judaica, ou da nova geração de judeus, instituiu, nos bairros que recém chegaram, as mesmas inserções de símbolos dos territórios anteriores, ou seja, as construções de sinagogas, escolas, Congregações Benéficas, bem como o desenvolvimento de um comércio voltando ao público *kosher*<sup>4</sup>. O espaço repetia-se, porém em tempo e técnica desigual.

Segundo Santos (2004), os movimentos sociais alteram as relações entre os diferentes componentes da própria sociedade, transformando-se com os processos e incitando a novas funções. Do mesmo modo que as formas geográficas se alteram ou mudam o seu valor, o espaço modificou-se para só atender às transformações da sociedade e dos métodos.

Foto 6 – Açougue Kosher – Sta. Cecília/ Higienópolis – São Paulo



Fonte: PÓVOA, 2010.

Esses “lugares” apresentam-se organizados dentro da sua história de migração e acolheram as ações e os interesses dos atores hegemônicos para a sua preservação. É assim que tais bairros constituíram-se, dentro do conjunto de espaços e de um subsistema hegemônico, por meio de certas relações privilegiadas, que foram estabelecidas entre os objetos encontrados nos bairros economicamente desenvolvidos e as outras áreas (PÓVOA, 2010).

Os judeus que moram nesses lugares têm acesso às técnicas e vivem de acordo com as suas condições. Isso não quer dizer que os judeus que não estão inseridos na imigração nos

bairros mais típicos judaicos e que não deixaram de ser mais ou menos judeus do que os outros que se inseriram em bairro característicos judaicos. Alguns exibem uma concentração maior de famílias, outros nem tanto.

Em outra análise, esses bairros criaram formas para resgatar e permanecerem vivos com a sua cultura religiosa e comunitária, assim consolidavam-se a Territorialização da comunidade judaica na cidade (PÓVOA, 2010).

Contudo, observando a técnica aplicada sobre a ocupação e a espacialização dos judeus na cidade de São Paulo, entende-se que a comunidade sobreviveu aos percalços da sua história

devido à sua capacidade de organização espacial e de territorializar-se, usando-a como instrumento da manutenção da sua identidade. Sem esses fatores, não haveria a presença judaica nos bairros observados, bem como não haveria um

desenvolvimento urbano nessas áreas. Não manter a “união”, a materialidade religiosa – os símbolos – seria considerar a perda da territorialidade e, o esquecimento da sua identidade no território.

#### Notas

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Geografia Humana pela USP / Ben Gurion University of the Negev – Beer Sheva-Israel; Doutor em Geografia Humana pela FFLCH/USP; Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Coordenador do Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura - LABEEC e Tutor do Núcleo de Estudos e Pesquisas Israelita do Triângulo – NEPIIT, Coordenador do Grupo de Estudos Avançados Milton Santos – GEAMS.

<sup>2</sup> Forma religiosa de referir-se a Deus; Deus - D'us.

<sup>3</sup> Forma popular e carinhosa de chamar pelos seus moradores o bairro do Bom Retiro.

<sup>4</sup> Alimentos kosher, são todos aqueles que obedecem à lei judaica, a lei da Kashrut. As leis de kashrut tem origem na Bíblia judaica (Torá) e do Talmude (coleção de livros que dá origem ao código de leis judaicas, inclusive sobre o comportamento alimentar).

#### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, 141 p.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, 334 p.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. II. 3ª. Ed. São Paulo, Paz e Terra. 2001, 530 p.

CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. Florianópolis, Edufsc. 1999. 453 p.

CORRÊA, R. L & ROSENDAHL, Z. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2003. 224 p.

DECOL, R.D. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. 1999.

FALBEL, N. *A Comunidade Judaica no Brasil*. São Paulo, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. 1984. 197 p.

FAUSTO, B. (org.). *Fazer a América*. 2ª. Ed. São Paulo, EDUSP. 2000. 377 p.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Imigração e Política em São Paulo*. São Carlos, UFSCar Editora – Livraria da Universidade Federal de São Carlos. UFSCar. 1995, 179 p.

FREIDENSON, M & BECKER, G. *Passagem para a América: relatos da imigração judaica em São Paulo*. São Paulo. Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. 2001. 223 p.

GEIGER, P. P. *O povo Judeu e o Espaço*. In: Território n. 5, jul/dez. LAGET/ UFRJ – Rio de Janeiro, Gramond, 1998, pp 85- 104.

HALL, S. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2001. 102 p.

HOLZER, W. (Org.) *Qual o espaço do lugar?* Geografia, Epistemologia, fenomenologia. São Paulo, 2012.

KATZ, S. *À la recherche d'une histoire des juifs du Brésil*. France: Pardés, Loi et Liberté, 1993. p.127-146. v.17.

KRAUSZ, R. R. *Problemas de sociologia judaica*. São Paulo: EDUSP, 1994. 195p.

KUCINSKI, M. *Imigrantes, Mascates & Doutores*. Cotia. Ateliê Editorial. 2002, 254 p.

LESSER, J. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro, Imago. 1995. 371 p.

LEVIN, E. *Bom Retiro*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1987. 164 p.

LEWIN H (coord.). *Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Tio de Janeiro; Programa de Estudos Judaicos da UERJ. 2005, 574 p.

OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos Imigrantes*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, 261 p.

PÓVOA, C. A. *A Territorialização dos Judeus na cidade de São Paulo*, São Paulo, Editora Humanitas / FAPESP, 2010, 264p.

RATTNER, H. *Tradição e Mudança: A comunidade Judaica em São Paulo* São Paulo. Editora Ática, 1977. 198 p.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *História, Memória e Imagens nas migrações: Abordagens Metodológicas*: Celta Editora, Oeiras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

ROSENDAHL, Z. (org.) *Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço*. Rio de Janeiro, Eduerj. 2005, 226 p.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro, Eduerj. 2001, 200 p.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo, EDUSP. 1996. 123 p.

\_\_\_\_\_. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo, EDUSP. 2004. 90 p.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço*. São Paulo, EDUSP. 2002, 384 p.

\_\_\_\_\_. *A urbanização Brasileira*. São Paulo, EDUSP, 2005. 174 p.

\_\_\_\_\_. *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo, EDUSP. 2005, 170 p.

SORJ, B. *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*, Rio de Janeiro, Imago, 1997, 245 p.

SZTOMPKA, P. *A sociologia da mudança social*. Trad. Pedro Jorgensen. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 540p.

VELTMAN, H. *A história dos judeus em São Paulo*. São Paulo, Editora Expressão e Cultura. 1996, 141 p.

**IMMIGRANTS JEWS AND THE GEOGRAPHIC SPACE: THE  
TERRITORIALIZATION OF A COMMUNITY IN THE CITY SAO PAULO**

**ABSTRACT:** THE TERRITORIAL SCOPE IS SUITABLE FOR INCREASING THE "PLACE" AND MAKING FROM THIS TIME WITNESSED THE ALTERNATION BETWEEN THE SCENARIOS OF THE PAST WITH THE SCENARIOS OF THIS THROUGH HISTORICAL MATERIALITY. THESE PHYSICAL ELEMENTS TESTIFY ABOUT A NEW REALITY MADE UP OF IMMIGRANTS, BUT SCALED FROM THE INSERTION OF THE JEWISH COMMUNITY AS AN INTEGRAL PART OF THESE NEW SCENARIOS THAT REPRESENT THE CURRENT TIME OF ITS ACCEPTANCE IN SPACE.

**KEYWORDS:** SPACE, JEWISH COMMUNITY, CULTURAL MATERIALITY